

Para acessar o relatório completo clique [aqui](#).

2. TÓPICO ESPECIAL: HIATO DO PRODUTO NA ECONOMIA BRASILEIRA

Em janeiro de 2018, a IFI publicou o estudo especial *Hiato do Produto na Economia Brasileira: Estimativas da IFI pela metodologia de função de produção*.¹ O estudo descreve a metodologia de estimação adotada recentemente pela IFI e apresenta os resultados para o hiato do produto na economia brasileira entre 1996 e 2017. Esta seção do RAF apresenta uma atualização destas estimativas, a partir da incorporação de uma nova informação relativa ao PIB do último trimestre de 2017, divulgada pelo IBGE em março.

A metodologia de estimação passa por, em primeiro lugar, decompor o PIB em dois componentes: i) a tendência de médio ou longo prazo, muitas vezes identificada como produto potencial; e ii) o ciclo de curto prazo. Em seguida, o hiato do produto é calculado pela diferença (percentual) entre o produto observado e o produto tendencial (ou potencial). Portanto, o hiato do produto é um indicador sobre o estado dos ciclos econômicos: valores negativos indicam o quanto a economia está operando abaixo da sua tendência (ou do seu potencial) que, por sua vez, sugere um maior ou menor grau de ociosidade de fatores produtivos; ao passo que os valores positivos são indicativos do quanto a economia está operando acima da sua tendência (ou potencial).²

O Gráfico 7 apresenta as estimativas trimestrais atualizadas do hiato do produto na economia brasileira, juntamente com os limites inferior e superior dos respectivos intervalos de plausibilidade³. A Tabela 14 também apresenta as estimativas anuais no período 1997-2017, sendo que as informações trimestrais mais detalhadas passarão a ser atualizadas periodicamente e divulgadas no sítio eletrônico da IFI neste link: <https://www12.senado.leg.br/ifi/dados/>.

Os resultados dispostos no Gráfico 7 e na Tabela 14 apontam que o hiato do produto alcançou o valor mais baixo da série histórica de -8,44% no final de 2016, com um intervalo de plausibilidade entre -9,07% e -6,45%, que coincide com o último trimestre da recessão que vigorou no país entre 2014 e 2016⁴. Desde então, o indicador vem se recuperando lentamente. A estimativa para o último trimestre do ano de 2017 indica que a economia brasileira está 7,17 pontos percentuais (p.p.) abaixo de seu potencial, com um intervalo de plausibilidade entre -7,17% e -4,55%.

A análise sugere ainda que a recessão mais recente, entre 2014 e 2016, se diferencia das anteriores em termos de intensidade, duração e lentidão da recuperação subsequente. Até então, o menor nível alcançado pela série histórica do hiato do produto havia sido -4,49% no primeiro trimestre de 1999, que também coincide com o final da recessão dos anos 1998-1999 (vide Gráfico 7). Para o período mais recente, o indicador sugere que a economia brasileira vem operando com um hiato inferior a -4,5% desde o terceiro trimestre de 2015 e, mesmo com o início da recuperação em

¹ Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/536764/EE_04_2018.pdf

² Todavia, a estimação desta variável não observada está longe de ser um procedimento trivial. Conforme abordado no estudo da IFI *Hiato do Produto na Economia Brasileira: Estimativas da IFI pela metodologia de função de produção*, as metodologias convencionais de estimação estão mais suscetíveis aos problemas de se prover estimativas voláteis e enviesadas (pró-cíclicas) em situações de mudanças bruscas no ciclo econômico, como as que experienciamos recentemente. Este tipo de constatação induziu um processo de ajuste fino metodológico, entre os principais organismos multilaterais, que introduziram uma série de melhorias destinadas a ampliar o grau de robustez das estimativas. A metodologia utilizada pela IFI busca incorporar uma série destes aprimoramentos recentemente desenvolvidos no âmbito da Comissão Europeia, a principal referência metodológica sobre o tema.

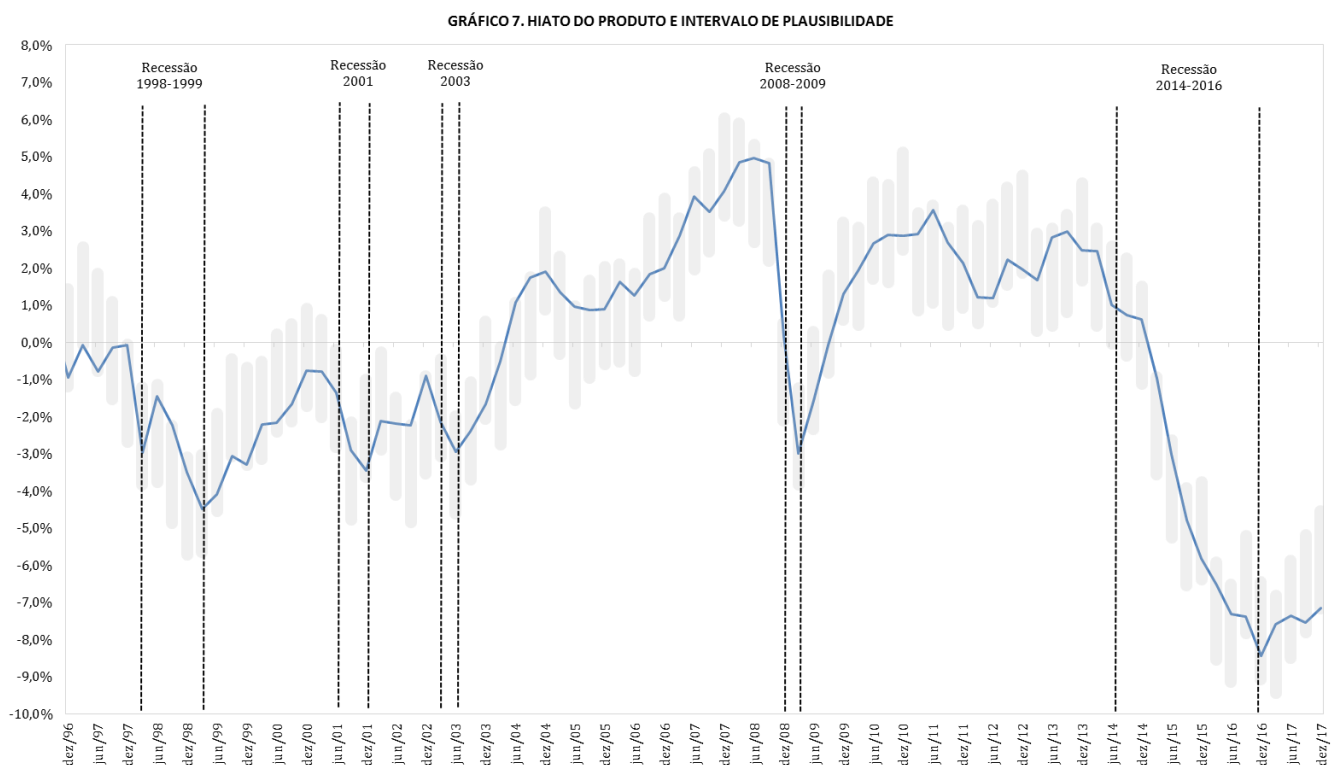
³ Um dos aprimoramentos da metodologia da IFI foi adaptar a aplicação da Ferramenta de Plausibilidade, desenvolvida originalmente no âmbito da Comissão Europeia, para o caso brasileiro. A ferramenta é utilizada para auxiliar na identificação de resultados implausíveis (ou contra intuitivos), fornecendo uma espécie de intervalo de confiança para as estimativas e em casos específicos uma alternativa ao hiato do produto.

⁴ A datação dos períodos recessivos nesta seção toma como referência a cronologia estabelecida pelo Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IBRE/FGV).

2017, ainda está bastante abaixo deste patamar. Ou seja, são dez trimestres consecutivos operando aquém do antigo ponto mais baixo da série verificado durante a recessão de 1998-1999.

Na verdade, a recessão de 2014-2016 se caracteriza não somente pela sua maior intensidade e duração, mas também pela maior lentidão da recuperação do hiato do produto no período subsequente. No primeiro trimestre de 2000, um ano após o fim da recessão de 1998-1999, por exemplo, o indicador de hiato do produto já estava em -2,22%, que representa uma recuperação de 2,27 pontos percentuais (p.p.). Nos demais episódios recessivos das duas últimas décadas, as recuperações do hiato do produto foram ainda mais rápidas: crescimento de 2,54 p.p. um ano após o fim da recessão de 2001 (de -3,45% para -0,91%), e de 4,01 p.p. e 4,92 p.p, respectivamente, após as recessões de 2003 e de 2008-2009 (de -2,95% para +1,06% e de -3,00% para +1,92%).

Passado um ano desde o término da recessão 2014-2016, o indicador de hiato do produto sugere uma recuperação de apenas 1,27 p.p. (de -8,44% para -7,17%) que é cerca da metade da velocidade da recuperação após a recessão 1998-1999, até então a mais lenta. Além disso, nossas estimativas obtidas a partir do cenário básico da IFI, que projeta crescimento do produto de 2,7% e 2,5% do PIB para os anos 2018 e 2019, respectivamente, indicam que o hiato somente se aproximaria de -4,0% no final de 2019. Isto sugere uma boa margem para crescimento da economia brasileira nos próximos anos a partir do aproveitamento da ociosidade dos fatores existentes.



Fonte: IFI.

Nota: A datação das recessões toma como referência a cronologia do CODACE-IBRE/FGV.

TABELA 14. PRODUTO POTENCIAL E HIATO DO PRODUTO 1997-2017

Ano	PIB Efetivo (I)	PIB Potencial (II)	Hiato (III) =(I)/(II)-1	Intervalo Inferior	Intervalo Superior
1997	107,3	107,3	-0,07%	-2,69%	-0,07%
1998	105,7	109,6	-3,51%	-5,73%	-3,11%
1999	108,0	111,7	-3,30%	-3,30%	-0,68%
2000	113,0	113,9	-0,78%	-1,73%	0,89%
2001	112,4	116,4	-3,45%	-3,64%	-1,02%
2002	118,3	119,4	-0,91%	-3,53%	-0,91%
2003	119,1	121,1	-1,66%	-2,06%	0,56%
2004	126,6	124,2	1,90%	0,87%	3,49%
2005	129,3	128,2	0,89%	-0,60%	2,02%
2006	135,6	132,9	1,99%	1,24%	3,86%
2007	144,5	138,9	4,05%	3,40%	6,02%
2008	146,0	145,7	0,15%	-2,12%	0,50%
2009	153,7	151,8	1,29%	0,60%	3,22%
2010	162,6	158,0	2,87%	2,48%	5,10%
2011	166,8	163,4	2,13%	0,93%	3,55%
2012	171,1	167,8	1,97%	1,86%	4,48%
2013	175,6	171,3	2,48%	1,66%	4,28%
2014	175,4	174,3	0,60%	-1,13%	1,49%
2015	165,7	175,9	-5,82%	-6,39%	-3,77%
2016	161,7	176,6	-8,44%	-9,07%	-6,45%
2017	165,2	178,0	-7,17%	-7,17%	-4,55%

Fonte: IFI. Nota: PIB corresponde à série encadeada do índice de volume trimestral com ajuste sazonal.